

## ALCOOLISMO COMO PROPAGANDA NA GUERRA FRIA: A ÓPTICA SOVIÉTICA NO CINEMA DO STALINISMO TARDIO

*Moisés Wagner Franciscon*  
Doutorando pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com graduação e mestrado pela UEM.  
[mw.franciscon@gmail.com](mailto:mw.franciscon@gmail.com)

**RESUMO:** Durante o stalinismo tardio (1945-53) uma série de filmes com temática anti-anglo-americana foi rodada na URSS como meio de se combater a guerra cultural na nascente Guerra Fria e se contrapor ao discurso antissoviético dos ex-aliados. O mote do alcoolismo foi importante para ambos os lados, tendo os soviéticos conseguido inverter a lógica hollywoodiana, copiando e redirecionando a propaganda antissoviética baseada em antigas imagens russofóbicas contra os inimigos capitalistas, representados como embriagados decadentes, de maneira caricata e aberta quando membros das classes baixas, e mascaradas pela arrogância, riqueza e desfaçatez entre as elites. Foram selecionados 22 filmes soviéticos produzidos no período do stalinismo tardio em que aparecem mensagens anti-anglo-americanas. A sócio-história cinematográfica de Marc Ferro permite apreender essa interação dos cinemas das potências rivais e sua utilização política e ideológica. Também procurou-se compreender e metrificar o fenômeno do alcoolismo na URSS, suas questões políticas e sociais, e compará-lo com outros lugares do mundo.

**Palavras-chave:** Cinema. URSS. Guerra Fria. Alcool.

## ALCOHOLISM AS ADVERTISING IN THE COLD WAR: THE SOVIET PERSPECTIVE IN LATE STALINISM CINEMA

**ABSTRACT:** During late Stalinism (1945-53) a series of anti-Anglo-American films were shot in the USSR as a means of fighting the cultural war in the nascent Cold War and counteracting the anti-Soviet discourse of the former allies. The motto of alcoholism was important for both sides,

with the Soviets managing to invert Hollywood's logic, copying and redirecting anti-Soviet propaganda based on old Russophobic images against capitalist enemies, represented as decadent drunks, in a caricature and open way when members of the social classes low, and masked by arrogance, wealth and brazenness among the elites. 22 Soviet films produced in the period of late Stalinism in which anti-Anglo-American messages appear were selected. Marc Ferro's cinematographic socio-history makes it possible to apprehend this interaction between the cinemas of rival powers and their political and ideological use. We also tried to understand and measure the phenomenon of alcoholism in the USSR, its political and social issues, and compare it with other places in the world.

**Keywords:** Cinema, USSR. Cold War. Alcohol.

## INTRODUÇÃO

Filmes hollywoodianos, em geral, exibem vilões russo-soviéticos (ou mesmo pessoas comuns e personagens secundários positivos) ao lado de bebida, quando não bêbados. Pode ser espantoso para alguns que para os soviéticos, ao menos em seu cinema, os bêbados eram... os anglo-americanos. Essa imagem recorrente em toda a duração da indústria cinematográfica soviética foi reforçada durante o stalinismo tardio. A guerra entre as duas superpotências, na medida em que era indireta, encontrou no cinema uma importante arma para galvanizar os espíritos da nação e dos satélites em torno de metas do regime e contra os inimigos que eram construídos discursivamente. Poucos anos antes, ambos os lados produziam propaganda para o mesmo público ressaltando suas semelhanças, amizade e objetivos comuns, iniciando uma troca cultural que estava com os dias contados com a caça às bruxas nos EUA e o combate ao cosmopolitismo na URSS. Películas foram encomendadas pelo Estado e a propaganda era seu objetivo primordial - apesar de não o serem exclusivamente. Foram selecionadas 22 destas, segundo o teor da campanha político-ideológica em seu conteúdo. Os filmes precisavam exibir cenas nas quais os inimigos da URSS consumiam álcool, de diferentes formas. Assim, estão presentes gêneros como o drama, aventura, guerra, comédia, cinebiografia, espionagem, de época. Para analisá-las, foi utilizada a cine-história cinematográfica de Marc Ferro. O autor percebia como o cinema e a propaganda de ambos os lados da Cortina de Ferro possuíam elementos em comum (FERRO, 1992, 2008), permitindo perceber que a cópia e inversão da campanha mediática do inimigo não era nenhum absurdo. Sua análise baseada no estudo das sociedades atinge o ponto em que tais mensagens eram

plausíveis e de interesse ao regime e ao público. Eram uma maneira de acusar os maus soviéticos, de caracterizar inimigos internos e especialmente externos, de divulgar a temperança e combater o alcoolismo por meio da identificação de heróis a se emular e vilões a se repudiar. De exibir o inimigo não como imbatível, mas sim como fraco e risível em seu comportamento, moral e apelo ideológico. Não se pode tratar do tema sem antes possuir uma noção da realidade subjacente do consumo de álcool na URSS. A falta de dados confiáveis para as campanhas antiálcool sob Stalin e seus resultados obrigam que outros períodos da história soviética sejam abordados, em especial o período com informações mais abertas e honestas<sup>1</sup>, entre 1985-88.

## 1. AS REAIS DIMENSÕES DO ALCOOLISMO NA URSS

O notório consumo de álcool na região antecedia a implantação da URSS, como também a sucedeu. As reais dimensões do alcoolismo na URSS, vistas em perspectiva, são distintas da imagem formulada pela mídia ocidental ou o cinema hollywoodiano. A falta de dados confiáveis para o período stalinista obriga a utilização de outros períodos como balizas e suposições da realidade subjacente, em especial, à URSS da *glasnost* de Mikhail Gorbachev, reveladora não apenas sobre o nível de consumo, mas também suas práticas sociais e as agruras do regime diante de bani-lo ou mantê-lo. Alguns países europeus consumiam até mesmo mais bebida alcoólica, como a França e a Itália, com média per capita de 18-20 litros de álcool puro anuais contra 16 litros entre os soviéticos maiores de 15 anos (LANE, 2002, p.364), em comparação com 8,4 dos EUA ou 8,9 do Brasil. No entanto, os vinhos ocidentais possuíam graduação alcoólica menor do que as marcas soviéticas e são consumidos com as refeições, e não com o estômago vazio. Enquanto os europeus ocidentais bebem à mesa, os russos bebem em várias ocasiões (SEGRILLO, 2012). Segundo alguns autores, o consumo era de 90-110 garrafas ao ano: a vodca em si era cerca de  $\frac{1}{3}$  desse volume. O restante era consumido na forma de cachaça, vinho e cerveja. Durante a campanha antiálcool de 1985-88, apesar da preocupação oficial com institutos de pesquisa, a ilegalidade de sua produção e consumo impossibilita a verificação dos níveis de consumo, mas a partir de 1990 aumentou, sendo o

---

<sup>1</sup> O próprio E. H. Carr em seu monumental *História da Rússia soviética*, também recuou diante dos dados oficiais e encerrou a pesquisa com os de 1929, uma vez que as necessidades políticas e do sistema stalinista implicavam na manipulação massiva dos dados a partir de então.

alcoolismo um dos causadores da queda da expectativa de vida masculina de 62 para 58 anos entre 1980 e 1995. Essa queda insinuava-se desde a década anterior - em 1969 era de 66 anos (URBAN, 1988, p.14). Insinua-se que o alcoolismo também agiu no aumento da mortalidade infantil ao longo da década de 1970.

No início dos anos 1980, o número de mortes ligadas diretamente ao consumo de álcool atingiu 26.4 pessoas a cada 100.000 na então República Soviética da Rússia, 25.9 na RFSS da Lituânia, 21.1 na da Estônia, 18.8 na da Letônia, 16.8 na da Ucrânia (e, em compensação, 1.0 na da Armênia, 1.5 na do Uzbequistão, 1.9 na do Azerbaijão e Tadjiquistão – lembrando que a grande maioria da população destas últimas três repúblicas era muçulmana ou estava em contato com sua cultura que proibia o álcool) e uma média nacional de 19.5 (LANE, 2002, p.364). Numa sociedade camponesa, como na URSS até os anos 1930, o alcoolismo não se fazia notar economicamente. Ocupações administrativas e industriais são atingidas diretamente – diminuição da produtividade, qualidade, acidentes (inclusive fatais) e danificação das fábricas, atrasos e faltas. O que era controlado pela política de multas, prisão, exílio interno ou fuzilamento dos anos stalinistas (1924-53) e o rebaixamento de funções e imposição da autocrítica na Era Krushev (1953-64). Na Era Brejnev (1964-82) o Estado afastou-se da disciplinarização do trabalho. A campanha antiálcool de Gorbachov procurava reimpôr a disciplina nas empresas, como tentara Andropov (1982-84) – o que contribuiu para que analistas ocidentais subestimassem a determinação reformista de Gorbachov, o identificando como um continuador da obra de Andropov. O alcoolismo gerava 14 mil mortes e 60 mil feridos graves no trânsito ao ano (LANE, 2002, p.364), num país que possuía menos carros particulares que o Brasil da mesma época (ALMANAQUE ABRIL 88, 1988), e mesmo acidentes navais, como o ocorrido em 1986, no qual um capitão alcoolizado quase se chocou com um navio carregado de passageiros, num evento que chamou a atenção do público soviético logo após a negligência em Tchernóbil. Num país com taxas de natalidade rapidamente declinantes e esgotamento de recursos numa economia extensiva, perder força de trabalho para suicídios, doenças mentais, mortes prematuras (terceira causa de mortes, após doenças cardíacas e câncer), deficiências congênitas causadas pelo álcool, era algo preocupante. 4,7 milhões recebiam tratamento médico em decorrência da dependência em 1987 (LANE, 2002, p.364-365). Enquanto a economia enfrentava a estagnação, com baixo ou nulo crescimento a partir de meados dos anos 1970, estimava-se que o alcoolismo causava uma perda de 10% do PIB (GATHMANN; WELISCH, 2012, p.63). Também respondeu pelo aumento da criminalidade e violência doméstica no início dos anos 1980. Entre 1960-79 o custo do consumo de álcool

quadruplicou, respondendo por 15-20% do orçamento das famílias. A Guerra do Afeganistão não melhorou o quadro. Apareceram histórias de consumo de combustível e anticongelante pelos soldados – além de polidor de metais no front doméstico (LANE, 2002, p.365) – que também eram apresentados ao ópio do Crescente Dourado.

É necessário abordar a razão para o incremento do alcoolismo. Segundo Lane (2002), beber era parte da cultura camponesa, que se perpetuou na cidade e com o passar das décadas deu lugar ao consumo por prazer. Outra explicação é possível. Durante os primeiros planos quinquenais a URSS conheceu um êxodo rural incontrolável, mesmo com a imposição do passaporte interno destinado a conter e a controlar o fluxo humano (LEWIN, 1988). As novas oportunidades na cidade chocavam-se com a saudade do mundo rural e sua rede comunitária aldeã (nostalgia que seria apropriada por um gênero de filmes na União Soviética dos anos 1970). A dissolução de laços humanos, ambientais e comportamentais foram importantes para explicar o alcoolismo sob Stalin e Krushev. Considera-se que sob Brejnev tenha sido a falta de perspectivas na sociedade soviética do período da Estagnação (1975-85). Os expurgos de Stalin ou o crescimento econômico de Krushev proporcionavam oportunidades de ascensão econômica individual – nascia-se camponês, num colcoz isolado, e poder-se-ia atingir a universidade, a classe média de técnicos, ou mesmo a elite de gerentes econômicos e dirigentes políticos. Com o fim do crescimento, as boas vagas eram reservadas para os filhos da elite, não restando um horizonte de melhoria das próprias condições materiais e status.

Dois meses após assumir a liderança do país, em maio de 1985, Gorbatchov, apoiado por outros políticos importantes, como seu futuro rival Yegor Ligachev, passou no Politburo e no Comitê Central do partido comunista suas “Medidas para superar a embriaguez e o alcoolismo” (popularmente chamadas de *sukhoy zakon*, lei seca), procurando reeditar a proibição vigente entre 1919-25. Determinou-se a diminuição da produção de álcool<sup>2</sup>, proibiu-se sua venda (exceto entre as 14 e 19 horas), em restaurantes e na proximidade de prédios públicos não residenciais, aumentou-se a idade mínima para a compra de 18 para 21 anos, o incremento de impostos fez o preço saltar em 25% em 1985 e em outros 25% em 1986 (GATHMANN; WELISCH, 2012, p.63), as penas e multas por embriaguez pública foram aumentadas e deixaram de ser letra morta, como nos anos Brejnev, institui-se o tratamento ou mesmo

---

<sup>2</sup> Entre junho de 1985 e maio de 1986, engarrafou-se 30-40% menos vodca e 44% menos conhaque, e em 1988 chegou-se a vender 50% menos de álcool oficialmente – o que colocou várias empresas do varejo e agrícolas numa situação difícil, sem ter para quem vender suas safras e tendo que arrancar seus vinhedos – estabelecimentos foram convertidos em “bares não alcoólicos” – o que foi mais um motivo para o humor popular mordaz (GATHMANN; WELISCH, 2012, p.63).

internamento compulsório (do qual foi vítima outro rival de Gorbatchov, Grigori Romanov, em 1986) e investiu-se no lazer público e propaganda (incluindo o uso da *Glavit*, a censura, em filmes e peças que tiveram trechos com uso de álcool cortados), como a formação da Sociedade Voluntária de Toda a União para a Luta pela Temperança – voluntária mas oficial e iniciada pelo Estado – num país com um histórico de problemas com álcool, importantes fatias da sociedade desenvolveram uma moralidade de repulsa a qualquer tipo de bebida alcoólica (e seus usuários), mesmo em casamentos e datas festivas. Consumo e abstinência eram mais uma linha divisória no mosaico do enorme país. Não espanta a Sociedade ter chegado aos 14 milhões de membros (LANE, 2002, p.364). O teor alcoólico das marcas de empresas registradas acabou caindo de mais de 40 para 35. A vodca mais barata, a *Andropovka* (chamada assim durante o refluxo da campanha antiálcool do líder anterior) passou de 4 para 9 copeques (o centavo do rublo). As estimativas de mortes naturais sugerem que ocorreram 400.000 mortes a menos e 500.000 nascimentos a mais por ano entre 1985-90, óbitos por álcool reduziram-se a 8.3 por 100.000 em 1986, acidentes de trânsito em  $\frac{1}{5}$  e atrasos no trabalho em 33%. Mesmo assim, as estatísticas não representariam a realidade, pois o que se via nas ruas passou-se a praticar nas residências privadas como forma de escapar às penas triplicadas (LANE, 2002, p.365).

Durante a campanha, o consumo oficial caiu em até 2/3, e segundo dados oficiais, para 3,26 litros por pessoa ao ano (AGANBEGUIAN, 1988), o que, no mundo real, foi solucionado pelo *samogon*, a bebida ilegal de fundo de quintal – a nova vedete do exuberante mercado negro de mercadorias e trabalho na URSS. As vendas de açúcar, utilizado na produção clandestina, aumentaram de 7,85 milhões de toneladas em 1985 para 9,28 milhões de toneladas em 1987 (18% - em alguns lugares o açúcar desapareceu das prateleiras e mesmo das fábricas de confeitaria e, posteriormente, com o aprofundamento da crise econômica causada pela *perestroika*, entrou em racionamento, como uma infinidade de outros produtos), 30 mil pessoas trabalhavam na produção privada ilegal (que incluía alambiques na banheira, como nos EUA da Proibição) em 1985, 150 mil em 1986, 397 mil em 1987. O mercado negro também prosperou com a apropriação e especulação sobre a parca produção e distribuição estatais. Esse capital privado ajudou na criação da máfia russa (diferente em natureza e organização daquela que grassou nos anos Brejnev às custas do setor público, como a de exportação camuflada de caviar e diamantes, ou da falsificação contábil de algodão na Ásia Central e desvio de bens das estatais do varejo para o mercado negro) e na introdução do ópio afegão como substituto para o álcool.

Em outubro de 1988 a pressão de um orçamento em colapso pela dupla tesoura do aumento de importações de tecnologia e maquinário (e a partir de 1989, de todo gênero de bens de consumo) e da queda de arrecadação com a venda de bebidas (de 15 a 30% da receita do Estado e 25% da do varejo) obrigou o Comitê Central do Partido cancelar a maior parte das medidas e a reconhecer em nota os efeitos deletérios da Lei Seca. O assessor de Gorbachov e “pai” da *perestroika*, Aleksandr Yakovlev, citara 100 bilhões de rublos a menos na conta do governo; o principal assessor econômico da fase inicial das reformas mencionou 8 a 10 bilhões apenas no início da campanha (AGANBEGUIAN, 1988). O valor do imposto sobre o álcool era maior do que o gerado com o imposto de renda. Restou ao Estado imprimir rublos, forçando a inflação, associada à crise de popularidade de Gorbachov dentro da URSS (enquanto era ovacionado fora) forçou o governo a liberar a venda de bebidas. Fazendas e fábricas faliram com a rapidez da campanha e a inadequação do maquinário, funções e mercados, somada à política de autossuficiência (*khozraschet*), autofinanciamento (*samofinansirovanie*) e autogerenciamento (*samoupravlenie*) dessa fase da *perestroika* (RIEBER; RUBINSTEIN, 1991, p.178). As dificuldades em se reativar as plantas industriais oficiais, primeiro estatais e em seguida privadas, não permitiu o retorno dos níveis de produção antes de 1993, mantendo os preços 75% mais caros do que em 1985. A lei que proibia a venda antes das 14 horas só foi revogada em julho de 1990 e a que vetava o consumo aos domingos permaneceu em vigor.

Se a parcela absenteísta apoiou ativamente as medidas, a popularidade da liderança despencou entre os consumidores moderados, que se viram igualmente prejudicados e lançados ao *samogon* (LANE, 2002, p.366). Durante a época, apareceram piadas, como: “Obrigado, partido da pátria, não há vodca no fim de semana! Mas não chore, minha Maroussia, estou ficando bêbado com água de colônia!”, ou “às seis da manhã um galo canta, às oito - Pugacheva [cantora *pop* famosa na época]. A loja fica fechada até as duas, a chave está com Gorbachov”, ou: “havia uma longa fila para a vodca, e um homem não aguentou mais: ‘Estou indo ao Kremlin, para matar Gorbachov - disse ele’. Uma hora depois, ele voltou. A fila ainda estava lá, e todo mundo perguntou: ‘Você o matou?’ Ele respondeu: ‘Matar ele?! A fila para isso é ainda mais longa que esta!’”. Ferreira (1990) cita que as lojas que vendiam álcool foram satiricamente chamadas de “último bolsão de resistência” e as filas para chegar a elas de “laços de Gorbachov”. As *anekdoty* também atingiram Stalin. Num encontro deste com Pedro I, o Grande, o czar pede ao secretário-geral o estado da mãe Rússia, *Rossiia-Matushka*. Ambos

concordam que o respeito internacional, o exército, a polícia secreta, os cossacos, as torres do Kremlin se encontravam nas mesmas situações em ambas as épocas. A vodca, no entanto, subira o grau alcoólico de 38 para 40. Pedro atribui a Grande Purga a essa única diferença.

As tavernas czaristas não desapareceram com a URSS, com a exceção dos períodos em que a bebida foi totalmente proibida, ou proibida nos estabelecimentos oficiais. Clubes de trabalhadores, restaurantes, casas de espetáculos, armazéns e alguns raros estabelecimentos depauperados destinados ao consumo de álcool e outros produtos, segundo o formato de botequim, eram locais onde se poderia consumir bebida em público. O cinema soviético poderia até exibir o consumo nos primeiros estabelecimentos, mas não registrou (em representações dos tempos soviéticos contemporâneos) o último. Além destes, existiam também as alternativas fornecidas pelo mercado negro ou segunda economia, com bares clandestinos mantidos por empresários em tempo parcial ou total, que se furtavam ao trabalho oficial (HOLT, 2006, p.195-196).

## 2. O ÁLCOOL SOB STALIN

Há menos dados confiáveis sobre a situação na era Stalin do que na época de Gorbachov. O KGB era muito mais eficiente e dotado de mais tecnologia que o OGPU. Os relatórios e estatísticas oficiais do Estado eram mais precisos e sinceros do que as levantadas amadoramente e improvisadamente pelos primeiros planejadores e burocratas - a ponto de E. H. Carr interromper sua monumental obra sobre a URSS em decorrência da baixa fiabilidade dos dados após 1929-30. A Revolução de Outubro, ainda largamente comandada por visionários e românticos, procurou combater o alcoolismo herdado dos recém-finados tempos czaristas com a Lei Seca. Como nos anos Gorbachov, o que conseguiu foi lançar a realidade para baixo do tapete, e criar uma ampla cadeia de atividades para os *nepmans* do mercado negro e da fabricação artesanal ilegal. O ocorrido na segunda metade dos anos 1980 é elucidativo. A própria natureza do inverno era propícia ao consumo de bebidas com alto teor alcoólico (basta imaginar -25° em Leningrado e Moscou ou -60° em Yakutsk). Ao menos oficialmente, nas estatísticas estatais, o alcoolismo parecia estar sob maior controle durante a era de Stalin. Entre 1955 e 1985 o consumo aumentou 250% (LANE, 2002, p.364).

Com o incremento da atuação estatal na economia, que resultou até na venda de bônus da industrialização a partir de 1927, o regime necessitava de novas fontes de arrecadação para

o investimento direto no processo. A produção e venda de álcool foi novamente permitida, regularizada, estatizada e monopolizada com esse objetivo. Ainda no início dos anos 1920 Trotsky esperava que a Lei Seca, os centros de atividades para os trabalhadores e em especial o cinema, acabassem com o hábito da bebida nas Rússias. Para o revolucionário, o cinema era duplamente importante nessa função, pois também era uma indústria, movimentava a economia e arrecadava com os ingressos. Para Trotsky, o cinema foi igualmente uma dupla decepção: o produto nacional (mesmo o mais comercial, intelectualmente trivial e apolítico, para não falar dos filmes engajados dos construtivistas, rejeitados pela audiência de massa) era incapaz de concorrer com a moderna indústria hollywoodiana, e nem refreou o mercado negro da bebida (KENEZ, 2001). O realista Stalin, por seu turno, tornou as duas atividades atraentes para o Estado.

O cinema stalinista utilizou-se da representação do álcool sob duas óticas: quando soviéticos o consomem, seus personagens ficam associados a traição, ou na melhor das hipóteses, a problemas (mesmo que em cenas cômicas, como na comédia musical *Vesolyye rebyata* [Rapazes engraçados], 1934, de Grigori Aleksandrov); estrangeiros associados à bebida eram facilmente identificados como burgueses, imperialistas, militaristas (ou o lumpen a seu serviço), inimigos de suas oprimidas populações trabalhadoras e da URSS.

### 3. O ATAQUE AMERICANO

É difícil imaginar uma representação mais recorrente da população russa no cinema ocidental do que a do embriagado por garrafas de vodca, como em *O inimigo X* [Comrade X], 1940, de King Vidor, *Ninotchka*, 1939, de Ernst Lubitsch, *Nunca me deixes ir* [Never let me go], 1953, de Delmer Daves, ou uma das primeiras grandes produções ambientadas na Rússia soviética, *O barqueiro do Volga* [The Volga boatman], 1926, de Cecil B. DeMille. Em todos a temática da bebida encontra ressonância na propaganda contra o inimigo ideológico. DeMille filma num momento em que o corpo de Lenin ainda está quente e várias capitais europeias - em especial Paris e Istambul - apresentam uma comunidade de emigrantes brancos e ex-nobres recém-chegados. A fuga de príncipes em meio à Revolução agia sobre o antigo material proporcionado pela posição americana antirrevolução Francesa e a própria literatura inglesa, como Charles Dickens. Os perseguidores vermelhos são completamente bêbados. Material que

retroalimenta o público conservador religioso ao mesmo tempo anticomunista e anti-bebidas (o principal fator para a Lei da Proibição de 1920). *Ninotchka* é hostil à URSS no momento de formação e fracasso de alianças para o vindouro conflito. Também ambientado na França, lembra o público dos expurgos enquanto exhibe todos os personagens soviéticos bêbados. Mesmo a resistente comissária Nina Ivanovna Yakushova (Greta Garbo) sucumbe ao estupro e ao barulho da rolha de champanhe como num fuzilamento proporcionado pelo conde Léon d'Algout (Melvyn Douglas). *O inimigo X*, rodado quando a tensão Alemanha-URSS ainda era alta (o jornalista alemão sempre acaba expulso do hotel para estrangeiros), lembra com ainda mais vigor da Grande Purga e põe em xeque o poderio militar soviético e sua utilidade como aliado. O jornalista e espião americano McKinley "Mac" Thompson (Clark Gable) sabe utilizar a vodca para obter toda a informação e favores que deseja dos soviéticos, como o chantagista Vanya (Felix Bressart) e sua filha Golubka (Hedy Lamarr). *Nunca me deixes ir* promove a questão diplomática de americanos que durante a guerra contraíram relacionamento com soviéticas, mais um cavalo de batalha da propaganda durante os primeiros anos da Guerra Fria. Philip Sutherland (novamente Clark Gable) e o inglês Christopher Denny (Richard Haydn) pretendem contrabandear as mulheres pelo Báltico, mas para isso precisam embriagar a patrulha costeira da URSS - o que é feito sem muito sacrifício com táticas para suportar a vodca e o uso de brindes em ladainha para os pseudo-inventores russo-soviéticos (não menos fruto da mitologia nacionalista que os pares americanos).

Alcoolismo e bebedeira, mais do que uma tentativa de retratar um povo ou cultura, ou uma reação natural ao clima, é uma imagem poderosa para desacreditar e desmoralizar o inimigo. Filmes conservadores sobre a Revolução Francesa, por exemplo, repetem tal imagem. Ser fraco ao álcool é ser moralmente inferior. O público é tranquilizado com a imagem de um inimigo incapaz de ficar em pé ou de falar coordenadamente. A vodca, reveladora dos crimes internos, falta de fibra moral, tibieza de caráter, exibiria assim uma repulsa ideológica ao modelo soviético, digno de chacota. Hollywood ainda não chegou à paranoia plena e ao desespero de McCarthy, do Sputnik e do *missile gap*. Ter a bomba atômica (desde 1949) não significava atingir solo americano, protegido pela poderosa USAAF.

#### 4. A VINGANÇA SOVIÉTICA

O regime, desde os primórdios, associou o alcoolismo ao decadentismo burguês (HOLT, 2006, p.195), e, conseqüentemente, ao inimigo externo imperialista. Em *Proshchay, Ameryka!*

[Adeus, América!], 1951, de Dovjenco, Charles Winchell [Janis Osis], médico da embaixada americana, passa a maior parte do tempo atrás da mesa de bar da delegação, completamente alterado, mesmo no atendimento médico ao moribundo comerciante e agente estadunidense Archibald Brooks (Vladimir Lyubimov). O barman (Vasily Bokarev) não encontra espaço diante da presença contumaz do doutor. Sua clínica é a antessala (e disfarce) de uma adega e bar - e é onde ele atende ao capitalista Brooks. Ele entende o sistema capitalista e o modelo americano, os segue por sobrevivência, e pode se mostrar amigo o suficiente da protagonista, a jornalista Anna Bedford (Lilia Gritsenko), para ajudá-la a forjar fotos antissoviéticas ao gosto do embaixador americano - e que a assistente fora incapaz de produzir por amor à verdade -, eximindo-a de problemas com o chefe. Adequar-se às normas sem acreditar nelas não era um comportamento seguro, como no diálogo de Marrow: “o Dr. Winchell precisa de férias. Ele sabe demais para um homem que bebe”. O sentido das férias perde qualquer ambiguidade na cena seguinte, quando o chefe do Departamento de Informações Armand Howard (Nikolai Gritsenko) confia a Anna que “esta casa [o prédio da embaixada americana] vai explodir de ódio e mentiras. Já notou como nos tornamos tão parecidos com os nazistas alemães? O mesmo estilo, os mesmos métodos”. Winchell se julga mais canalha do que o conselheiro da embaixada, Marrow (Alexander Polinsky), pois este faz carreira com as mentiras sobre a URSS, tira proveito da rede de espionagem, intrigas e falsificações da realidade, enquanto ele apenas pode encontrar conforto no álcool, sem oportunidades possíveis. Um médico frustrado preso numa embaixada longínqua e conscientemente refém de um ambiente paranoico. O que seria um mote da propaganda americana contra os embriagados soviéticos. A ideia de que o conforto num sistema cruel, hostil, depauperado e sem perspectivas de ascensão pessoal só pode ser encontrado na garrafa está presente nas películas americanas como *Ninotchka* (quando Nina e os diplomatas soviéticos retornam à sombria Moscou e ficam à espera de serem investigados) e *O inimigo X*, na interminável fila para a chantagem pela vodca de Mac.

Os personagens com comportamento de gângsteres – auxiliares e militares, não bebem menos. O álcool os ajuda a contar os lucros com o saque de bens de consumo e arte da Alemanha recém-derrotada, e do patrimônio histórico soviético, barganhado pelos americanos nas ruas e revendido no exterior. Garrafas também estão presentes no escritório do diplomata e contrabandista Francis Darlington (Vyacheslav Gostinsky), que, motivado pelo lucro pessoal (o filme não deixa claro que esteja trabalhando sob ordens superiores, apesar de sua atividade ser de conhecimento geral no espaço da embaixada), espalha na URSS todo tipo de vício

ocidental, como as muitas caixas de cigarros americanos e charutos cubanos ou roupas de grife, ou ataques à indústria soviética, como relógios de pulso. O técnico de comunicações e da rede secreta de microfones do departamento especial (Isaac Leongarov) e seu ajudante aparecem diversas vezes prostrados pela bebida, sobre mesas ou macas, com garrafas vazias ao lado, sendo necessário arrancá-los do lugar para esconder a pouca disciplina no trabalho dos chefes da delegação estadunidense. A bebida também é fonte de desordem entre os próprios diplomatas. Durante um evento no salão nobre, ela (presente em todas as mesas e mãos, deixando marcas na fala e gestos) estimula a confrontação dos americanos, confiantes em seu afluente império, armas e metas de dominação mundial, com os ingleses (Leonid Eremeev), cuja decadência imperial é lançada frontalmente, degenerando em pancadaria como *hooligans* dos estádios britânicos.

Em *Sekretnaya missiya* [Missão secreta], 1950, de Mikhail Romm, insinuam-se as bebedeiras de Winston Churchill [Mikhail Vysotsky] em seu gabinete de guerra – uma grande garrafa de whisky esvaziada pela metade. Apenas a menção dos avanços do Exército Vermelho e de Stalin sobre os nazistas pode impedir o primeiro-ministro de encher seu copo. Sua mesa pode ser comparada com outras três, captadas pelo mesmo ângulo da câmera, num plano fechado: a dos conspiradores nazistas Heinrich Himmler (Peter Berezov), Martin Bormann (Vladimir Belokurov) e Ernst Kaltenbrunner (Mark Pertsovsky) que querem - a despeito do Führer (Vladimir Saveliev) - firmar a paz e uma aliança com os aliados ocidentais para se dedicarem exclusivamente ao combate contra o bolchevismo; a mesa dos enviados ocidentais anglo-americanos que procuram costurar esse armistício, seguido por acordos comerciais entre suas burguesias, congraçadas nos lucros e no anticomunismo; e a mesa destas, capitaneada por Alfried Krupp (Alexander Khokhlov). O ambiente pode ser contrastado com a sobriedade dos generais e diplomatas soviéticos, ou, por ironia, com a mesa do abstinência Hitler<sup>3</sup>. Churchill (Victor Stanitsyn) também aparece bebendo ao lado de Lloyd George (Victor Koltsov) em *Nezabyvaemyy 1919 god* [O inesquecível ano de 1919], 1951, do georgiano Mikheil Chiaureli. Churchill e os líderes da Entente aparecem em vários momentos em referências que os ligam a Hitler e sua corte. Stalin (Mikheil Gelovani), por contraposição, como em um ensaio para a Segunda Guerra e jamais ao lado de garrafas (com exceção de um encontro particular em *Stalingradskaya Bitva* [Batalha de Stalingrado], 1949, devidamente ao lado de uma ceia que

---

<sup>3</sup> Em *Padenie Berlina*, na primeira metade do filme, com a Alemanha avançando até Stalingrado, Hitler prefere partilhar do chá com Eva Braun. Na segunda metade, já em seu bunker, sua mesa, como a de Krebs, sempre possui uma garrafa pela metade. Apesar do clima de derrota e dos relatos de bebedeira geral, Hitler não abandonou seu hábito. Inserir-lo na ebriedade significa a meta de objetivos morais contra o inimigo.

impeça os efeitos danosos da vodca, e do brinde dos Três Grandes em Yalta em *Padenie Berlina* – rapidamente sorvido pelo britânico) - apesar de ser adepto da vodca, conhaque e vinho georgiano (SCHRAC, 2014, p.6-7).

Em *Russkiy vopros* [Questão russa], 1947, de Mikhail Romm, o repórter Hardy [Boris Poslavsky], que se confessa para o protagonista Harry Smith [Vsevolod Aksyonov], encontra no gim, e, com o pagamento de Smith, no whisky, coragem para criticar sua vida de dificuldades financeiras decorrentes dos poucos pagamentos por matérias policiais e sensacionalistas nos tabloides e da falta de ética dos jornalistas americanos, como ele reféns do sistema e da necessidade de manter sua família. O personagem precisa sorver seis doses – uma delas dupla – para ter coragem de expor, mesmo em privado, as mazelas que o regime esconde sob o alardeado sucesso de uns poucos (no caso, a bonança profissional e financeira momentânea de Smith). E mesmo assim prefere se calar ao fim, dando a entender que não terminara a sua descrição da falsidade da liberdade nas democracias populares, da ascensão social e do *self-made man* e da denúncia tácita de um Estado totalitário capitalista – em decorrência, talvez, mais do receio da confissão em um bar do que do efeito dos drinques.

Em *Vstrecha na Elbe* [Encontro no Elba], 1949, de Grigori Aleksandrov, a bebida é recorrente no gabinete dos ocupantes americanos em Berlim Ocidental. Seus oficiais, ébrios cambaleantes, trocam cigarros *Lucky Strike* por toda sorte de objetos, obras de arte e mulheres desesperadas na Berlim em ruínas fumegantes, como o capitão Tommy (Erast Garin). A bebedeira é um dos estopins dos conflitos étnicos e desordens de todo gênero num bar para os simples soldados americanos. Apesar de igualmente proletário, o sargento americano Harry Perebeynoga (Ivan Lyubeznov), descendente de ucranianos, é incapaz de apreciar a bebida moderadamente, ao contrário de seu par soviético, o sargento Egorkin (Boris Andreev), que havia destinado para si apenas um pequeno copo - implicando que a bebida fazia parte da mentalidade nacional e não apenas da classe. Em *Zastava v gorakh* [Posto avançado nas montanhas], 1953, de Konstantin Yudin, o falso arqueólogo americano Ben Stanley (Oleg Solyus), na realidade um espião, se nega a beber o chá dos bandidos basmachis, ofertado por seu chefe, Ismail Bei (Mukhammedjan Kasymov), tirando do bolso uma garrafa. A próxima aparição do personagem deixa claro que não fazia se acompanhar por ela apenas como subterfúgio à proibição do álcool entre os muçulmanos do bei turcomano. A bebedeira segue no falso posto arqueológico dos espiões anglo-americanos, com Stanley sendo repreendido por Murrow (Vladimir Belokurov): “você está fedendo a bebida” – o que não o faz se privar de

whisky ao saber das más notícias. O coronel Bridger (Alexey Krasnopolsky) se une aos dois na bebida, enquanto afirmam ser necessária “uma camisa de força para conter os 800 milhões de comunistas [nesse momento, compostos pela URSS, Leste Europeu, Mongólia, China e Coreia do Norte], que precisam ser extirpados cirurgicamente para a defesa do mundo capitalista”.

Em *Serebristaya pyl* [Pó de prata], 1953, de Pavel Armand e Abram Room, o xerife procura arrancar informação da garçonete com bebida; os generais também bebem, porém não whisky, mas sim licor. Se o lumpesinato é alcoólatra, a amorfa massa que atua como uma força de repressão social paralela a serviço de industriais, militares, forças policiais e burgueses, constituída pela máfia americana e a KKK, não o é menos. Os *klansmens* se reúnem no bar mantido e controlado pela máfia para se preparar espiritualmente para o ataque ao gueto negro. Tal preparação se faz com a motivação e a coragem surgidas pela distribuição gratuita de bebida pelos chefes de ambas as organizações criminosas, ao som de *jazz band*. Todos os inimigos de classe e da URSS se congraçam em um só por suas obscuras ou claras ligações político-econômicas e no amor à bebida. Todas as reuniões de negócios são regadas a álcool. Como o encontro Göring-Bedstone em *Padenie Berlina* [A queda de Berlim], também do mestre stalinista Chiaureli. O ambiente que envolve os Três Grandes em Yalta está repleto de garrafas - e este é onde Churchill entrega a Stalin uma espada presenteada pelo rei da Inglaterra - a bebida torna-se sinônimo da hipocrisia e traição externa.

Os inimigos soviéticos também são cercados por álcool em *Zagovor obrechonnykh* [Conspiração dos condenados], 1950, do célebre Mikhail Kalatozov. O embaixador americano Henry McHill (Maxim Strauch) - que bebe cinco vezes ao longo da película - compartilha sua mesa com o embaixador iugoslavo Brozovich (Vladimir Vladislavsky), no momento no qual o cisma Tito-Stalin se consolidava com os tribunais anti-titoístas controlando o quadro político nos satélites do Leste Europeu. Conspiradores se reúnem no ambiente ébrio de um bar. A traição dos cientistas da URSS que passam informações secretas para os americanos em *Sud chesti* [Tribunal de honra], 1948, de Abram Room, ocorre durante um brinde e bebidas – o que também era uma advertência direta para os males do álcool entre técnicos e trabalhadores. Os políticos e almirantes ocidentais que tramam contra a marinha soviética em *V mirnyye dni* [Em dias de paz], Vladimir Braun, 1950, possuem uma garrafa enorme sobre a mesa. Em *Sportivnaya Chest* [Honra esportiva], Vladimir Petrov, 1951, a banca de apostas britânica que conspira contra o time de futebol soviético se reúne num *pub* com cerveja preta.

Em filmes históricos o inimigo continua associado à bebida, como em *Maksimka*, 1952, de Vladimir Braun, quando o escravo Maksimka (Tolya Bovykin) serve ao capitão americano do

navio negreiro. Em *Shkola zlosloviya* [Escola de fofoca], 1952, também de Abram Room, os personagens britânicos da peça de Richard Sheridan (1751–1816) possuem uma mesa lateral repleta de bebidas onde todos se servem, e o falido Charles Surface (Serfes no filme, Pavel Massalsky) possui um compartimento secreto de bebida numa estante falsa da biblioteca. No festim de Hasan Bei (Sergey Kulagin), governador turco da Sérvia, em *Velikiy voyn Albanii Skanderbeg* [Scanderbeg, grande guerreiro da Albânia], de Sergei Yutkevich, de 1953, apesar da proibição de álcool entre os muçulmanos, bebe-se vinho. Assim atinge-se os turcos (inimigos históricos da Rússia e novamente na Guerra Fria, e que incorporam o nazismo no filme) e a Iugoslávia titoísta, antagonista comum de Enver Hoxha e Stalin. Em *Admiral Ushakov* [Almirante Ushakov], 1953, de Mikhail Romm, o primeiro-ministro britânico William Pitt, o Novo (Nikolay Volkov), precisa beber antes de tratar da ascensão marítima russa promovida por Feodor Ushakov (Ivan Pereverzev) e Catarina, a Grande (Olga Jiznyeva); em sua sequência, *Korabli shturmuyut bastiony* [Bastões da tempestade dos navios], Mikhail Romm, 1953, novamente Pitt está bebendo, bem como Ferdinando IV de Nápoles e Sicília (Sergey Martinson), o embaixador britânico em sua corte, William Hamilton (Iosif Tolchanov), o embaixador britânico em Constantinopla, Spencer Smith (Boris Bibikov), enquanto planejam desgastar a Rússia contra Napoleão e os otomanos. Apesar do almirante Horatio Nelson (Ivan Soloviev) ter inventado uma mistura de gim, soda e limão para limitar o escorbuto entre a tripulação, ele não bebe. O herói britânico é desconstruído com o fuzilamento de prisioneiros de guerra (sugestivo com os nazistas no pós-Segunda Guerra) e sua histórica ligação com Emma Hamilton (Elena Kuzmina), esposa de sir Hamilton.

A associação do inimigo capitalista anglo-americano com a bebedeira não era recente ou limitada ao stalinismo tardio. Ainda durante a NEP, o diretor Aleksandr Dovjenko rodara o filme de espionagem *Sumka dipkuryeva* [Mala diplomática], de 1927. Ao contrário das produções surgidas após a centralização e burocratização da indústria do cinema, que demoravam em média dois anos para ficarem prontas e serem liberadas ao público soviético (MILLER, 2010), o cinema da década de 1920 era muito mais ágil e produtivo. Nesse mesmo ano um incidente diplomático, envolvendo sindicatos trabalhistas, alegado dinheiro soviético e publicidade para o famoso e influente ministro Lorde Curzon (já uma figura de relevo na guerra entre Polônia e URSS em 1920 pela posse dos territórios da Bielorrússia e Ucrânia), levou ao embargo britânico dos cereais soviéticos. A ameaça de novo isolamento internacional aumentou a necessidade de o regime alterar seu sistema econômico misto e a investir numa rápida

industrialização e autarquização. Assim, os vilões desse filme são os britânicos. O marinheiro negro (bem como outros marinheiros brancos) subvertem a hierarquia ao rir zombeteiramente de seus embriagados superiores britânicos; o agente soviético também não bebe; constrói-se um vínculo positivo entre o revolucionário e o personagem colonial-terceiro mundista, como também uma oposição ao imperialista ocidental, que seriam fortalecidos e melhor explorados pelo cinema soviético do início da Guerra Fria e da Descolonização, 20 anos depois. O comandante do navio inglês que transporta a mala diplomática soviética roubada por espões britânicos é pintado como um alcoólatra que não deixaria muito a desejar ao capitão Archibald Haddock.

A temática do americano alcoólatra ultrapassou a era stalinista. Mesmo nos primeiros anos da era Gorbatchov, apesar das tentativas iniciais de cooperação em conferências de cúpula em Genebra (1985) e Reykjavík (1986), a indústria cinematográfica soviética não a abandonou. Ela, que nos anos 1970 havia atualizado o gênero ação para um modelo mais próximo ao hollywoodiano (como a película de ação e espionagem *Tegeran-43* [Teerã-43], 1980, de Alov e Naumov) e incorporado como novidade o gênero catástrofe ainda nos anos 1970 (como *Ekipaj* [Tripulação], 1979, de Mitta), como consequência da maior mercantilização da economia do país, não poderia deixar de responder às provocações da série *Rambo*. Em 1986, no *Rambo* soviético *Odinochnoye plavaniye* [Missão solo], do russo de ascendência armênia Tumanishvili, as autoridades americanas se embriagam em orgias latinas ao lado de seus reais John Rambo: mercenários psicóticos e drogados. A censura sobre cenas com bebidas não vingou neste caso. A película não atendia aos interesses do Kremlin, mas sim à procura de ingressos dos segmentos nacionalistas, linhas-duras e amantes de filmes de ação.

Os soviéticos também bebem, moderadamente, como o brinde entre russos e mongóis (apesar dos últimos preferirem leite) em *Cherez Gobi i Khingan* [Através do Gobi e Khingan], 1981, de Ordynsky e Sumhu, como uma preparação para a aceitação da realidade no fim da mesma década. O *mea culpa* chega com o duelo dos provadores soviético e britânico no encontro Churchill-Stalin em Moscou em *Stalingrad*, 1989, de Yuri Ozerov. Ambos bebem, mas os russos bebem mais, além de resistirem melhor aos efeitos do álcool. A bebida aparecia vez ou outra no cinema, mas sempre em suas consequências deletérias, e que não eram estranhas à imagem ocidental feita da URSS, como em *Moscou não acredita em lágrimas* [Moskva slezam ne verit], 1979, de Vladimir Menshov. O cinema também encampava as campanhas do regime, como os filmes do famoso diretor cômico Leonid Gaidai *Pos Barbos i nebychnyy kross* [Cão de guarda e cruz incomum] e *Samogonshchiki* [algo como “produtores de *samogon*”], ambos da

campanha antiálcool de 1958, ou *Afonya* [Afonía], 1975, de Georgy Danelia, concebido durante a fracassada campanha de 1972.

A imagem construída pelo cinema soviético anti-anglo-americano permite distinguir diferentes perfis de alcoólatras: burgueses; lumpesinato de vagabundos, *hooligans*, assecclas dos primeiros, a serviço destes e dos interesses do regime capitalista; comandantes militares e espiões; soldados comuns; trabalhadores esmagados pelo sistema totalitário (como em *Russkiy vopros*); ocupantes de altos cargos hierárquicos (capitão inglês em *Sumka dipkuryeva*); agentes que promovem a ordem social e o terror institucional, como a Klan, a máfia, a polícia.

Nem sempre a bebida é ruim. Apesar da divisão na sociedade soviética entre os que bebem e os abstêmios anti-bebida, a moral incutida nos filmes não é tão dicotômica. A vodca pode ser um bom sinal de amizade, por exemplo, entre militares de baixa patente e com traços étnicos em comum (*Vstrecha na Elbe*) ou da sinceridade soviética e falsidade ocidental (nos encontros dos Três Grandes como em *Padenie Berlina*).

Se o consumo de álcool pelo proletário ou lumpemproletariado capitalista é representado de uma maneira muito similar à falta de compostura e autocontrole do imaginário russófobo, as elites o são de maneira diversa. Apesar da fachada de sofisticação, com garrafas elegantes, taças de cristal trabalhadas, aparelhos e prataria, a bebedeira rondaria os burgueses e imperialistas estrangeiros, acentuando sua hipocrisia, com a podridão e frouxidão moral disfarçadas pela fachada cara e opulenta, em mais uma imagem da ideologia do capitalismo como a inversão da realidade, segundo Marx.

## CONCLUSÃO

Alguns historiadores enfatizam o modelo soviético de desenvolvimento por meio da cópia e substituição de importações: “a limusine ZIS-ZIL era, de fato, um Buick norte-americano; os tratores de Stalingrado eram cópias de um Caterpillar; os automóveis produzidos em Górkí era réplicas de um Ford” (FERREIRA, 1998, p.20). Se a indústria automobilística soviética observava e procurava copiar Chicago em tudo, inclusive no fordismo, a indústria cinematográfica não foi diferente, apesar de não tão bem-sucedida em vários pontos. Até porque o setor não possuía capital para comprar cidades industriais na planta, como a automobilística e seus contratos com a Ford e, décadas depois, a Fiat. Uma Hollywood

soviética nunca apareceu, apesar dos planos. O estilo de cinema clássico hollywoodiano, no entanto, foi longamente absorvido e imposto pelo realismo socialista e pelas diretrizes que partiam do Kremlin. E com elas, a maneira de se fazer e inserir propaganda nos filmes. Além da própria propaganda em si, também influenciada em sua estrutura pelo modelo americano. Agora adequadamente invertida contra o oponente ocidental, desmoralizado pelas cenas de bebedeira e tudo o que permite trabalhar nas telas: barbarismo, primitivismo, badernas, imoralidade, corrupção, fraqueza, covardia, associando a cultura anglo-americana a esse cenário hostil, desincentivando-a de sua cópia na URSS e satélites. Anglo-americanos bêbados promoviam uma reabilitação da imagem crítica dos literatos do tempo czarista à alma russa, e um impulso aos desígnios surgidos com a vitória na Segunda Guerra, no mundo pós-guerra e a ideologia teleológica oficial. Apesar de críticas de alguns historiadores (ROLLBERG, 2008), a abordagem caricatural não era diferente da feita em Hollywood. E nem incongruente com alguns personagens, como Churchill.

## REFERÊNCIAS

- AGANBEGUIAN, Abel. **A perestroika: a revolução na economia soviética**. Mira-Cintra: Europa-América, 1988.
- ALMANAQUE ABRIL 88**. São Paulo: Abril, 1988.
- CARR, E. H.; **Historia de la Rusia Soviética**. Madrid: Alianza, 1979.
- COMITÊ CENTRAL DO PCUS. O nekotorykh negativnykh yavleniyakh v borbe s pyanstvom i alkogolizmom (informatsiya). **Izvestiya TSK KPSS**, Moscou, nº1 (288), jan.1989.
- DIAS BLUE, Anthony. **The complete book of spirits: a guide to their history, production, and enjoyment**. Nova York: HarperCollins, 2010.
- FERREIRA, Oliveiros. **Perestroika: da esperança à “nova pobreza”**. São Paulo: Ed. Inconfidentes, 1990.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FERRO, Marc. **El Cine**, una visión de la historia. Madrid: Akal, 2008.
- FILTZER, Donald. **Soviet workers and the collapse of Perestroika: the Soviet labour process and Gorbachev's reforms, 1985-1991**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

- GATHMANN, Christina; WELISCH, Marijke. The Gorbachev Anti-Alcohol Campaign and Russia's mortality crisis. In: **Ifo Institute**, Munique, v.4, 2012, p.62-68.
- GREBENNIKOVA, Anna. **Rossiyskiy alkohol**. Moscou: Tsentr politicheskoy informatsii, 2002.
- HOLT, Mack. **Alcohol**: a social and cultural history. Oxford: Berg, 2006.
- KENEZ, Peter. **Cinema and society**: from the Revolution to the death of Stalin. Londres: I. B. Tauris, 2001.
- LABIN, Suzanne. **A Rússia de Stalin**. Rio de Janeiro: Agir, 1948.
- LAING, Robert. Pepsi's comeback, Part II. **Mail & Guardian**, 28 mar. 2006. Disponível em: <[https://mg.co.za/articlePage.aspx?articleid=267835&area=/insight/insight\\_\\_economy\\_\\_business](https://mg.co.za/articlePage.aspx?articleid=267835&area=/insight/insight__economy__business)>. Acessado em 1 nov. 2019.
- LANE, David. **Soviet society under Perestroika**. Londres: Routledge, 2002.
- LEWIN, Moshe. **O fenômeno Gorbachev**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MCCAULEY, Martin. **Gorbachev and Perestroika**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2016.
- MEHNERT, Klaus. **O Homem Soviético**. São Paulo: Boa Leitura, 1966.
- MILLER, Jamie. **Soviet cinema**: politics and persuasion under Stalin. Londres: I.B.Tauris, 2010.
- RIEBER, Alfred; RUBINSTEIN, Alvin (orgs). **Perestroika at the crossroads**. Armonk: M.E. Sharpe, 1991.
- ROLLBERG, Peter. **Historical dictionary of Russian and Soviet cinema**. Lanham: Scarecrow, 2008.
- SCHRAD, Mark. **Vodka Politics**: Alcohol, Autocracy, and the Secret History of the Russian State. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2012.
- SPERB, Paula. Carta de capitão russo é encontrada quase 30 anos depois no Sul do Brasil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 nov. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/11/carta-de-militar-russo-e-encontrada-quase-30-anos-depois-no-sul-do-brasil.shtml>>. Acessado em 30 nov. 2019.
- URBAN, George (org.). **Social and economic rights in the Soviet bloc**: a documentary review seventy years after the Bolshevik Revolution. New Brunswick: Transaction Publishers, 1988.
- WRIGLEY, Chris. **Winston Churchill**: a biographical companion. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2002.

## FONTES

ADMIRAL Nakhimov [Almirante Nakhimov]. Direção: Vsevolod Pudovkin. Moscou: Mosfilm, 1946. 1 DVD (88 minutos), P&B.

ADMIRAL Ushakov [Almirante Ushakov]. Direção: Mikhail Romm. Moscou: Mosfilm, 1953. 1 DVD (108 min), color.

GEROI Shipki [Os heróis de Shipka]. Direção: Sergei Vasilyev. Leningrado/Sofia: Lenfilm/Boyana Film, 1954. 1 DVD (137 min), color.

KORABLI shturmuyut bastiony [Bastões da tempestade dos navios/Almirante Ushakov parte II]. Direção: Mikhail Romm. Moscou: Mosfilm, 1953. 1 DVD (108 min), color.

MAKSIMKA. Direção: Vladimir Braun. Kiev: Dovjenko Kinostudiya, 1952. 1 DVD (78 min), color.

NEZABYVAEMYY 1919 god [O inesquecível ano de 1919]. Direção: Mikheil Chiaureli. Moscou: Mosfilm, 1951. 1 DVD (108 min), color.

PADENIE Berlina [A queda de Berlim]. Direção: Mikheil Chiaureli. Moscou: Mosfilm, 1950. 2 DVDs (151 min), color.

PROSHCHAY, Amerika! [Adeus, América!]. Direção: Aleksandr Dovjenko; Julia Solntseva. Moscou: Mosfilm, 1951. 1 DVD (70 min), color.

RUSSKIY vopros [Questão russa]. Direção: Mikhail Romm. Moscou: Mosfilm, 1947. 1 DVD (91 min), P&B.

SEKRETNAYA missiya [Missão secreta]. Direção: Mikhail Romm. Moscou: Mosfilm, 1950. 1 DVD (98 min), P&B.

SEREBRISTAYA pyl [Pó de prata]. Direção: Pavel Armand; Abram Room. Moscou: Mosfilm, 1953. 1 DVD (102 min), color.

SHKOLA zlosloviya [Escola de fofoca]. Direção: Abram Room. Moscou: Mosfilm, 1952. 1 DVD (161 min), P&B.

SMELIIE lyudi [Pessoas ousadas]. Direção: Konstantin Yudin. Moscou: Mosfilm, 1950. 1 DVD (95 min), color.

SPORTIVNAYA Chest [Honra esportiva]. Direção: Vladimir Petrov. Moscou: Mosfilm, 1951. 1 DVD (107 min), color.

STALINGRADSKAYA bitva [A Batalha de Stalingrado]. Direção: Vladimir Petrov. Moscou: Mosfilm, 1949. 2 DVDs (192 min), P&B.

SUD chesti [Tribunal de honra]. Direção: Abram Room. Moscou: Mosfilm, 1948. 1 DVD (90 min), P&B.

V mirnyye dni [Em dias de paz]. Direção: Vladimir Braun. Kiev: Kievskaya Kinostudiya, 1950. 1 DVD (97 min), color.

VELIKAYA sila [Grande poder]. Direção: Friedrich Ermler. Leningrado: Lenfilm, 1950. 1 DVD (106 min), P&B.

VELIKIY perelom [A grande virada]. Direção: Fridrikh Ermler. Leningrado: Lenfim, 1945. 1 DVD (108 min), P&B.

VELIKIY voin Albanii Skanderbeg [Scanderbeg, grande guerreiro da Albânia]. Direção: Sergei Yutkevich. Tirana/Moscou: Albfilm/Mosfilm, 1953. 1 DVD (120 min), color.

VSTRECHA na Elbe [Encontro no Elba]. Direção: Grigori Aleksandrov. Moscou: Mosfilm, 1949. 1 DVD (104 min), P&B.

ZAGOVOR obrechennykh [Conspiração dos condenados]. Direção: Mikhail Kalatozov. Moscou: Mosfilm, 1950. 1 DVD (103 min), color.

ZASTAVA v gorakh [Posto avançado nas montanhas]. Direção: Konstantin Yudin. Moscou: Mosfilm, 1953. 1 DVD (100 min), color.

## ANEXOS E APÊNDICES



**Figura 1: O whisky como fuga para a falta de perspectivas do sistema. Como diversão durante o saque e a contagem dos lucros. PROSHCHAY,... 1951.**



**Figura 2: Churchill e suas garrafas. E sua aproximação com a cúpula nazista. Os Três Grandes. NEZABYVAEMYY,... 1951; SEKRETNAYA,... 1950; PADENIE,.. 1950.**

**Enviado em 28/07/2023**  
**Aprovado em 03/06/2024**